

O conceito de trabalho imaterial em Sean Sayers e a economia da informação¹

Kaan Kangal*

Introdução

O conceito “trabalho imaterial” é um dos temas mais debatidos na teoria social contemporânea. Em sua obra de 2007, *The Concept of Labor: Marx and His Critics*, Sean Sayers oferece uma extensa resposta às várias redefinições de trabalho (Habermas, Benton, Arendt), e de trabalho imaterial (Lazzarato, Hardt e Negri). Sayers voltou ao assunto em seu livro recente, *Marx and Alienation: Essays on Hegelian Themes*. Como um dos poucos relatos que contesta os críticos contemporâneos de Marx em relação a conceitos fundamentais como trabalho e trabalho imaterial, sua contribuição deve ser levada a sério.

Neste texto, resumirei as definições críticas de trabalho e trabalho imaterial de Sayers em resposta às críticas e, em seguida, concentrarei a discussão em três problemas em suas hipóteses: 1) Sayers não esclarece a relação entre trabalho material e imaterial; 2) há passagens nas obras econômicas de Marx que são completamente ignoradas por Sayers, e são decisivas contra a visão deste sobre o trabalho imaterial; e 3) As opiniões de Sayers sobre trabalho imaterial não se aplicam totalmente aos debates recentes sobre trabalho imaterial na economia da informação.

A crítica de Marx à economia política foi desafiada por muitos teóricos do “capitalismo cognitivo” e da “economia da informação”. O conceito de trabalho é uma das categorias consideradas ultrapassadas nesse sentido. A contribuição de Sayers oferece uma resposta bem fundamentada a isso, mas também sofre de algumas inconsistências. Ignora, por exemplo, o fato de que o próprio Marx adotou o termo “imaterial”. Apresentarei o argumento de que este não é um termo infundado ou enganoso, caso seja compreendido no contexto correto. Com a má interpretação

¹ Texto publicado originalmente em inglês no periódico *Science & Society*, v. 81, n. 1, p. 124-132, jan. 2017. Traduzido para o português do Brasil por Vinícius Oliveira Santos.

* Professor de Filosofia da Universidade de Nanquim (Nanjing University - China), autor de diversos artigos sobre a teoria de Marx & Engels. Publicou recentemente o livro *Friedrich Engels and the Dialectics of Nature* (Palgrave Macmillan).

removida, a crítica de Sayers às deficiências das teorias sociais dominantes e da tradição pós-trabalhista é reforçada.

Os conceitos de trabalho e trabalho imaterial

Existem dois grupos distintos que propõem redefinições de trabalho e trabalho imaterial. A primeira consiste nas redefinições gerais do conceito de trabalho propostas por Jürgen Habermas, Ted Benton e Hannah Arendt; o segundo se agrupa ao redor da vertente autonomista italiana de trabalho imaterial, representada por Maurizio Lazzarato, Michael Hardt e Antonio Negri. Um terceiro grupo, bastante heterogêneo, deve ser mencionado aqui também: aqueles que adotam as críticas anteriores à teoria marxista (Tiziana Terranova, Christian Fuchs). Eles se concentram em novas formas de trabalho na economia da informação. Embora a contribuição de Sayers não tenha abordado tais vertentes, esses estudiosos fornecem certo material para examinar se a contribuição de Sayers tem algum impacto crucial na reformulação do conceito de “trabalho imaterial”.

Habermas (1988, p. 82) argumenta que o conceito de trabalho em Marx deriva basicamente do protótipo da atividade artesanal produtora de bens materiais. Para Habermas, Marx não consegue discernir os aspectos instrumentais e comunicativos do trabalho. O primeiro aspecto refere-se ao domínio técnico sobre as forças naturais, a segunda à supressão da própria natureza do homem (HABERMAS, 1973, p. 71). Benton (1989, p. 66) enfatiza que o trabalho é, para Marx, uma atividade transformadora; no entanto, esse entendimento ainda se baseia em algum tipo de produção artesanal. A definição de trabalho como atividade transformadora não seria estendida a algumas das formas primárias de trabalho, como caça, coleta ou mineração, uma vez que esses “processos de trabalho primários... apropriado, mas não transforma” o material de trabalho (1989, p. 69); (ver também BENTON, 1992, p. 59; SAYERS, 2007, p. 432-433). Arendt afirma que Marx não consegue distinguir *labour* de *work*. *Labour* seria uma atividade improdutiva, porque “não deixa nada para trás”. É imediatamente consumido à medida que o esforço é gasto. *Work*, ao contrário, é atividade produtiva, pois “acrescenta novos objetos ao artifício humano”. *Labor* se preocupa com os meios de sua própria reprodução; *work*, no entanto, produz “tudo menos vida” (ARENDRT, 1998, p. 87-88; ver SAYERS, 2007, p. 447).

A tradição autonomista italiana chama a atenção para um tipo particular de trabalho (trabalho imaterial) e critica Marx a esse respeito. A origem dessa tradição remonta a Lazzarato (1996, p. 133), que define o trabalho imaterial como uma atividade que produz “o conteúdo informacional e cultural da mercadoria”. O conteúdo

informacional envolve “cibernética e controle computacional”, e o trabalho cultural refere-se a “atividades envolvidas na definição de e fixar padrões culturais e artísticos, modas, gostos, normas de consumo e opinião pública” (1996, 143-4; ver SAYERS, 2007, 443-444).

A definição de trabalho imaterial de Lazzarato foi retomada por Hardt e Negri, e redefinida como a criação de “produtos imateriais, como conhecimento, informação, comunicação, um relacionamento ou uma resposta emocional” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 108). Na obra *Império* os autores dividem o trabalho imaterial em três tipos diferentes: O primeiro está envolvido na: produção industrial que foi informacionalizada e incorporou tecnologias de comunicação. [...] O segundo está relacionado a tarefas analíticas e simbólicas. [...] Um terceiro tipo envolve a produção e manipulação de efeito (HARDT; NEGRI, 2001, p. 293.)

Em outra obra, *Multidão*, os autores abandonaram o primeiro tipo de trabalho imaterial (HARDT; NEGRI, 2005, p. 108; SAYERS, 2007, p. 444).

O terceiro campo trata do “trabalho digital” na economia da informação. Terranova (2000) aponta que as “atividades informacional-comunicativas dos usuários da Web 2.0” exemplificam uma nova forma de trabalho imaterial. Enquanto os usuários da Internet aproveitam seu tempo navegando na Internet, eles indiretamente trabalham de graça “construindo sites, modificando pacotes de software, lendo e participando de listas de discussão e construindo espaços virtuais”. Fuchs (2014) desconsidera a noção de trabalho imaterial, mas se apropria da tese sobre a exploração de NetSlaves digitais.

Trabalho e trabalho imaterial em Sayers

Sayers considera as leituras de Habermas e Benton como “superficiais e insatisfatórias”, porque a teoria do trabalho de Marx vê o trabalho como uma atividade material transformadora. O trabalho não pode ser isolado do aspecto linguístico, ou restrito a uma forma particular de trabalho (SAYERS, 2007, p. 433). “A apropriação é uma espécie de transformação”; todo trabalho “separa o objeto da natureza” mudando e tornando-o utilizável: “é capturado e morto, arrancado, extraído, movido, etc. O trabalho é assim incorporado e objetivado nele através de uma mudança de forma” (SAYERS, 2007, p. 437). Arendt está, para Sayers, errada em acreditar que o trabalho de serviço não tem produto. Todo trabalho efetuará uma transformação da matéria; ele objetiva e muda o ambiente material de alguma forma. Isso significa que todo tipo de trabalho cria um produto (SAYERS, 2007, p. 447).

Em relação à perspectiva autonomista italiana, Sayers inicialmente afirma que todo trabalho seria material em suas “raízes” e “efeitos”. Os novos tipos de trabalho não são exceção a esse respeito (SAYERS, 2007, p. 444-446). Ele enfatiza que o conceito de trabalho imaterial é “falso” e “é muito errado pensar que uma nova categoria de trabalho ‘imaterial’ é necessária” (SAYERS, 2007, p. 445). Embora a indústria moderna envolva tecnologia da informação, controle de computador, serviços setor e produção cultural, seria “enganoso descrever” essas formas produtivas como “trabalho imaterial” (SAYERS, 2007, p. 444).

Mais tarde, ele afirma que gerentes, contadores, programadores de computador, designers, etc., não visam criar um produto material, mas seu trabalho tem “efeitos materiais que produzem e reproduzem relações sociais e econômicas” (SAYERS, 2007, p. 445-446). Ao final, portanto, Sayers retoma a noção de trabalho imaterial, e conclui que “todo trabalho material é ‘imaterial’ no sentido de que altera não apenas o material trabalhado, mas também a subjetividade e as relações sociais” (SAYERS, 2007, p. 448). Sayers parece ter em mente o aspecto mental do trabalho quando fala do envolvimento da imaterialidade no processo de produção material. A analogia de Marx sobre a abelha e o arquiteto apoia essa concepção: “O que distingue o pior arquiteto da melhor das abelhas é que o arquiteto eleva sua estrutura na imaginação antes de construí-la na realidade” (MARX, 1996, p. 188).

Para transformar a matéria-prima em produto final, o arquiteto precisa projetar, planejar e organizar os componentes da construção em sua imaginação. Seu trabalho mental corresponde ao que Sayers considera ser o aspecto imaterial da produção material. Com base no que Sayers afirmou em diferentes passagens, podemos reforçar seu argumento de que a produção social é material em suas raízes e efeitos, mas (parcialmente) imaterial como processo de trabalho. Essa indicação, no entanto, contradiz sua definição do trabalho como uma atividade material transformadora. Por outro lado, o relato autonomista italiano não nega que o processo de trabalho seja material. Afirma apenas que o produto do trabalho é imaterial. Sayers não nega que todo desempenho laboral é um “gasto material de uma certa quantidade de músculos humanos, nervos, cérebro” (Marx, 1987, p. 272), mas isso não esclarece se a imaterialidade é realmente um “aspecto” do processo de produção material ou um termo infundado (SAYERS, 2011, p. 45).

Trabalho imaterial em Marx

Algumas passagens das Teorias da Mais-Valia de Marx, completamente ignoradas por Sayers, ajudam a entender o que compõe o trabalho imaterial. Sayers (2007)

afirma que a noção de trabalho imaterial foi introduzida pela primeira vez por Lazzarato. As *Teorias da Mais-Valia* de Marx, ao contrário, documentam em detalhes que a noção de trabalho imaterial remonta aos economistas políticos do século XIX (Blanqui, Destutt de Tracy, Ganilh, Garnier, Mill, Petty, Say, Senior, Smith, Storch) (ver, em particular: MARX, 1965, p. 144-146, p. 152-153, p. 180-184, p. 238-240, p. 252-260).

Aqui Marx adota a expressão “produção não-material” (*nichtmatrielle Produktion*), e fala de “trabalho espiritual” (*geistige Arbeit*), “trabalhador espiritual” (*geistiger Arbeiter*) e “produção espiritual” (*geistige Produktion*) como sinônimos de trabalho imaterial, trabalhador e produção (MARX, 1965, p. 146, p. 152, p. 181-182, p. 240, p. 256-258, p. 329, p. 385-386; ver também MARX, 1962, p. 382, p. 674; HAUG, 2009). Para Marx, o trabalho imaterial é o trabalho de atores, artistas, clérigos, médicos, economistas, juízes, advogados, amantes, oradores, policiais, padres, professores, servos, cientistas, soldados, funcionários do Estado, professores, escritores etc. Marx atribui esses tipos de trabalho intelectual ou mental à produção imaterial. Ele exemplifica o trabalho imaterial em termos de sua origem, processo e produto/efeito. A visão autonomista desafia o caráter material/imaterial do último componente. Sayers rejeita essa visão em um lugar, mas a aprova em outro.

Colocado grosseiramente, o termo material significa físico (*stofflich*), corpóreo (*körperlich*), objetivo (*sachlich*), econômico (*ökonomisch*), social (*gesellschaftlich*), o real (*wirklich*) (MARX, 1962, p. 50-52, p. 98). A materialidade é a “forma fundamental” da produção social, “da qual dependem todas as outras formas [de atividade] – mental, política, religiosa etc” (MARX; ENGELS, 1975, p. 82). Um produto imaterial, ao contrário de um material, é algo que não é apreensível no sentido comum. Por exemplo, o valor é “algo imaterial, algo independente de sua consistência material” (MARX, 1973, p. 309; MARX, 1983, p. 230; tradução modificada). A abstração do valor nas relações de produção é aqui descrita como imaterial, por um lado; enquanto, como parte da produção social, é algo material, por outro.

O valor é fisicamente invisível e, no entanto, existe materialmente. Da mesma forma, a força da gravitação é fisicamente invisível e, no entanto, impacta o mundo material. Assim, a característica significativa para o imaterial é que ele expressa uma forma aparente da realidade material, de diferentes maneiras. O imaterial como tal surge como o oposto dialético dos objetos, relações e processos materiais, físicos ou visíveis.

Os produtos do trabalho cultural ou de serviço são materiais por seu caráter transformador nas relações sociais de produção, mas não aparecem como uma cadeira ou mesa. O processo de trabalho mental, intelectual ou imaterial parece, no

entanto, ser algo imaterial, pois consiste em modelos, planos ou reconstruções na imaginação, mas são produtos de atividades biológicas, neurológicas, físicas e sociais.

O trabalho intelectual de, digamos, um arquiteto é um produto de suas atividades mentais, que parecem ser algo imaterial porque não são apreensíveis ou visíveis como os objetos físicos. No entanto, o trabalho intelectual é uma atividade material, por duas razões: 1) desempenha um papel social dentro de todo o processo produtivo e faz parte da realidade material; 2) toda atividade mental é produto de processos biológicos, neurológicos ou físicos do corpo humano.

Isso significa que a mesma forma de aparência (imaterialidade) corresponde à realidade material em diferentes níveis (social ou neurobiológico). Em suma, o produto do trabalho como objeto fisicamente visível ou invisível, e o processo de trabalho como totalidade social, referem-se a diferentes níveis de materialidade. Nesse sentido, eu argumentaria que o imaterial é um aspecto ou momento dialético dentro do material. No entanto, não está evidente se Sayers compartilharia desta hipótese.

Trabalho imaterial na economia da informação

Em relação ao termo imaterial, há duas grandes tendências nos debates recentes sobre a chamada economia da informação. A primeira (Terranova, et al.) herda o termo diretamente do campo autonomista italiano e o estende à economia da informação digital. A outra (Fuchs, et al.) desconsidera o termo, mas amalgama Marx com a abordagem pós-trabalhista. Ambos os relatos derivam do caráter socio-ontológico (imaterial ou material) do processo de trabalho (imaterial ou material) de características objetivas do produto do trabalho; embora a primeira conta identifique o produto e o processo como imateriais, enquanto a segunda os chama de materiais. Esta redução do produto (imaterial/material) ao processo de produção baseia-se numa fórmula simples que equipara a produção como criação de produtos (imateriais/materiais) com a produção como produção de valor e ampliação do capital.

No entendimento de Terranova e Fuchs, os usuários da web contribuem para a criação de dados de usuários que são processados e vendidos para empresas de publicidade. Com base na suposição de que qualquer dado é produto de determinada atividade online, chame-a de material ou imaterial, e que essa atividade cria algo economicamente valioso, ambos os teóricos concluem que a geração de dados digitais é algum tipo de trabalho não remunerado e infinitamente explorado. Em suma, a soma de criação e preço de um produto do trabalho seria igual à produtividade do trabalho.

Marx, por outro lado, via o processo de trabalho como produtivo baseado principalmente nas relações de produção, e não se um produto é criado ou não. O processo de produção já tem como premissa que um produto seja criado. Mas a criação de um produto por si só não é suficiente para caracterizar o processo de trabalho como atividade produtiva. O trabalho é produtivo se é contratado diretamente pelo capital para produzir mais-valor para o capitalista ou contribuir para a autovalorização do capital (MARX, 1962, p. 532).

A posição de Sayers

Neste ponto, deve-se perguntar até que ponto a conceituação do trabalho de Sayers abrange as abordagens atuais sobre o trabalho digital. Sua discussão sobre o trabalho imaterial provavelmente não se restringe a uma mera disputa com os dois primeiros campos (Habermas, Benton, Arendt; Lazzarato, Hardt e Negri), mas promete, ao menos, algum potencial crítico para o terceiro grupo (Terranova, Fuchs). Como sua teoria teria sido valiosa ou útil para os debates atuais sobre o capitalismo? Assim, pode-se questionar não apenas o que Sayers apontou sobre os debates anteriores, como também o que seu relato implicaria para as discussões mais recentes.

O modelo produtivista do primeiro grupo (que considera o trabalho como a atividade que cria um produto material) e a abordagem imaterialista do segundo grupo (que se concentra em outra coisa que não a produção material), ressurgem um terceiro argumento.

A crítica de Sayers aos dois primeiros grupos procura mostrar que todo trabalho é material em fonte e efeito, implicando na preposição segundo a qual o trabalho seria uma atividade material. No entanto, ele não reconhece a distinção entre *produção* como criação de um produto e *produção* como produção de valor, e não esclarece a relação entre *material* como característica objetiva de produtos, e *material* como modo social de produção em geral. Além disso, suas opiniões sobre o termo “imaterial”, como mostrei anteriormente, são altamente ambíguas. Ele oscila entre refutar e apropriar-se do termo. Esses limites tornam suas conclusões duvidosas. Então, qual seria a sua contribuição para esses debates?

A tese de Sayers sobre trabalho material/imaterial vai além de descrições superficiais e conceituações fetichistas de novas formas de trabalho, e ele se esforça para se distanciar das abordagens unilaterais e das explicações produtivistas e autonomistas. O conceito de trabalho imaterial é usado por teóricos sociais pós-trabalhistas para sustentar sua afirmação de que a terminologia marxista é incapaz de

lançar luz sobre os aspectos informacionais ou cognitivos do capitalismo. A crítica de Sayers tem como alvo alguns desses teóricos que declaram apressadamente a desatualização do legado de Marx. Em outras palavras, suas hipóteses contribuem para o repúdio às atuais tentativas de minimizar a profundidade do conceito de trabalho de Marx.

Contra Sayers, a imaterialidade é uma forma de apresentação do mundo material; o trabalho imaterial é, portanto, uma categoria social que Marx adotou. O termo “imaterial” não é infundado, a menos que seja apreendido fora de seu contexto. Corresponde a uma forma particular de apresentação de entidades ou relações objetivamente dadas na produção social. Retirado esse problema, a abordagem de Sayers é capaz de evitar uma defesa apologética ou mesmo dogmática de Marx, e ganha terreno sólido para responder aos teóricos do trabalho digital. Nisso reside o mérito que merece atenção crítica.

Quanto a Terranova e Fuchs, apesar de suas retóricas sociocríticas, eles exageram o potencial emancipatório do chamado trabalho digital e permanecem firmemente presos à abordagem produtivista do primeiro campo (Habermas, et al.) (Hardt, et ai.). Terranova toma emprestada a noção, enquanto Fuchs apenas critica o argumento sobre o trabalho imaterial no âmbito de seus precursores. Agora a questão é se devemos adotar o termo, como faz Terranova, simplesmente porque ele representa um novo estágio do capitalismo e rejeita as categorias do passado, ou abandoná-lo inteiramente porque leva a implicações falhas, como afirma Fuchs. Com algumas mudanças substanciais, acredito que o relato de Sayers pode oferecer uma terceira via, uma que não caia no ecletismo ou na novidade fetichista, mas apreende o trabalho imaterial em sua base material.

Considerações finais

No entendimento de Marx, a produtividade do trabalho imaterial repousa sobre as relações concretas de trabalho e capital. Aqui o termo imaterialidade refere-se a algumas características objetivas e formas de apresentação do produto do trabalho, como invisibilidade ou não-corporeidade. Por outro lado, a materialidade tem dois significados em Marx. Em primeiro lugar, expressa uma característica objetiva e uma forma de aparência física do produto do trabalho, em oposição à imaterialidade; e segundo, refere-se ao processo de produção social como um todo.

O campo autonomista e seus seguidores acreditam ter encontrado um novo oposto complementar à materialidade como realidade social (uma esfera imaterial dentro da realidade social), formulando uma crítica a Marx. Essa abordagem, no

entanto, não tem sucesso, porque reduz a produtividade do trabalho à criação de produtos de trabalho (imateriais/materiais).

Uma resposta consistente ao campo autonomista e a outros grupos exigiria esclarecimento da diferença entre material e imaterial em diferentes níveis, assim como a compreensão da relação entre criação de produto e produtividade do trabalho imaterial nos estudos econômicos de Marx. Sayers não consegue isso, e isso mina sua resposta, em parte, se não inteiramente, às interpretações atuais do conceito de trabalho de Marx nos debates da economia da informação. Sugiro completar sua crítica adotando o termo “imaterial”.

Referências

ARENDT, H. **The Human Condition**. Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 1998.

BENTON, T. “Marxism and Natural Limits: An Ecological Critique and Reconstruction.” In: **New Left Review**, 178, p. 51–86, 1989.

BENTON, T. “Ecology, Socialism and the Mastery of Nature.” In: **New Left Review**, 194, p. 55–74, 1992.

FUCHS, C. **Digital Labour and Karl Marx**. New York: Routledge, 2014.

HABERMAS, J. **Erkenntnis und Interesse. Mit einem neuen Nachwort**. Frankfurt am Main, Germany: Suhrkamp, 1973.

HABERMAS, J. **Der philosophische Diskurs der Moderne**. Frankfurt am Main, Germany: Suhrkamp, 1988.

HARDT, M.; NEGRI A. **Empire**. Cambridge, Massachusetts/London: Harvard University Press, 2001.

HARDT, M.; NEGRI A. **Multitude: War and Democracy in the Age of Empire**. London: Hamish Hamilton, 2005.

HAUG, W. “Historical–Critical Dictionary of Marxism: Immaterial Labour.” **Historical Materialism**, 17, p. 177–185, 2009.

LAZZARATO, M. “Immaterial Labor”. In: VIRNO, P.; HARDT, M. (Ed.). **Radical Thought in Italy: A Potential Politics**. Minneapolis, Minnesota: University of Minnesota Press, 1996. p. 133–147.

MARX, K. Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Erster Band. Buch I: Der Produktionsprozeß des Kapitals. In: **Karl Marx and Friedrich Engels, Werke**, Berlin, v. 23, 1962.

MARX, K. Theorien über den Mehrwert. In: **Karl Marx and Friedrich Engels, Werke**, Berlin, v. 26.1, 1965.

MARX, K. **Grundrisse: Introduction to the Critique of Political Economy**. New York: Random House., 1973.

A nova (e a antiga) realidade do mais-valor: diálogos sobre trabalho e capitalismo no século XXI

O conceito de trabalho imaterial em Sean Sayers e a economia da informação

DOI: 10.23899/9786589284277.2

MARX, K. Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie. In: **Karl Marx and Friedrich Engels, *Werke***, Berlin, v. 42, 1983.

MARX, K. **Economic Works 1857–1861**. In: **Karl Marx and Frederick Engels, *Collected Works***, Moscow, v. 29, 1987.

MARX, K. **Capital: A Critique of Political Economy**. In: **Karl Marx and Frederick Engels, *Collected Works***, Moscow, v. 1, 1996.

MARX, K.; ENGELS, F. **The German Ideology** In: **Karl Marx and Frederick Engels, *Collected Works***, Moscow, v. 5, 1975.

SAYERS, S. “The Concept of Labor: Marx and His Critics.” **Science & Society**, v. 71, n. 4, p. 431–454, out. 2007.

SAYERS, S. “Labour in Modern Industrial Society.” In: CHITTY, Andrew; MCIVOR, Martin (Ed.). **Karl Marx and Contemporary Philosophy**. New York: Palgrave Macmillan, 2011a.

SAYERS, S. **Marx and Alienation: Essays on Hegelian Themes**. New York: Palgrave Macmillan, 2011b.

TERRANOVA, Tiziana. “Free Labor: Producing Culture for the Digital Economy.” **Social Text**, v. 63. n. 18.2, p. 33–58, 2000.